

*Racismos/sexismos e o extermínio da população LGBT: o que os discursos cristãos e das Escrituras como lei têm a nos dizer?**

ALEXSANDRO RODRIGUES*¹

Universidade Federal do Espírito Santo

MARIA CAROLINA FONSECA BARBOSA ROSEIRO*²

Universidade Federal do Espírito Santo

PABLO CARDOZO ROCON*³

Universidade Federal do Espírito Santo

STEFERSON ZANONI ROSEIRO*⁴

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: O objetivo desse artigo foi compreender os dispositivos, saberes e poderes que sustentam os discursos cristãos e seus efeitos sobre a produção de racismos e sexismos na sociedade ocidental contemporânea. Tomando Michel Foucault como intercessor teórico privilegiado, este texto insere-se em discussões sobre o cristianismo, produções de modos de vida e fundamentalismos. Metodologicamente, tratou-se de uma analítica genealógica entrelaçando discursos de líderes religiosos com as condições políticas de produção do corpo e das sexualidades desejáveis. Aponta, por fim, para as possibilidades de extermínio advindas dos que se proclamam “salvadores” absolutos das formas e modos de vida.

Palavras-chave: Cristianismo; Fundamentalismo; Racismo.

Abstract: This essay aims to understand the devices, the knowledge and the power that maintain Christians’ speech and their effects over the production of racisms and sexism in the contemporary West Society. Taking Michel Foucault as the main theoretical intercessor, this text discusses Christianity, the production of ways of life and fundamentalism. Methodologically, it attended to a genealogical analysis which linked speeches of religious leaders to the production of the desirable body and sexuality’s political condition. At last, it points to the possibilities of extermination incoming from the self-proclaimed absolute “saviors” of the ways of life.

Keywords: Christianity; Fundamentalism; Racism.

* Recebido em 12 de abril de 2016 e aprovado para publicação em 26 de junho de 2016.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professor Adjunto do Departamento de Teorias de Ensino e Práticas Educacionais e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional. E-mail: xela_alex@bol.com.br.

² Mestranda em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: carolinaroseiro@hotmail.com.

³ Mestrando em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: pablocardoz@gmail.com.

⁴ Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: zanoniroseiro@hotmail.com.

Racismos e sexismos ou do corpo cristão

Nos quatro primeiros meses de 2014, o Grupo Gay da Bahia (GGB) apresentou um quantitativo de 124 crimes que ceifaram a vida de pessoas de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis e Transexuais (LGBTs) brasileiros. Em 2015, os dados do GGB, notificam 296 homicídios. Segundo Relatório de 2014 é possível saber que “dos 326 mortos, 163 eram gays, 134 travestis, 14 lésbicas, 3 bissexuais e 7 amantes de travestis (T-lovers). Foram assassinados 7 heterossexuais, por terem sido confundidos com gays ou por estarem em circunstâncias ou espaços homoeróticos” (GGB, 2015, online).

Os números nos assustam e são deles que partimos. Partimos porque, ao nos inserirmos nas tramas das violências LGBT, somos convidados a pensar com Luis Antônio Baptista (1997) e os *amoladores de faca*, isto é, indagamo-nos como funcionam os jogos de ódio contra grupos de pessoas, como são reinterados, alimentados, mantidos e validados. O Grupo Gay da Bahia, ao realizar o trabalho numérico das mortes e perdas, coloca-nos não apenas em choque, mas a indagar quais forças operam os ódios contra um corpo, talvez, indesejável. Porque, decerto, os números nos dizem isso: há um corpo desejável e, decerto, não é o corpo da bicha, da viada, da lésbica, da travesti, da transexual ou mesmo dos heterossexuais embichados. Há um corpo *desejável* e produzido discursiva e institucionalmente em toda a população, em todos os territórios.

E, enquanto desejável, esse corpo idealizado pode ser molde de corte, de obturação, de cisão. Porque desejável, outros corpos são feitos indesejáveis na lógica dualista por nós vivida.

Assim, partindo do conceito dos *amoladores de facas*, não iremos encontrar assassinos, terrorismos e violências na figura de um corpo individualizado. Não é a bicha transfóbica a única a empunhar uma faca ao dilacerar o corpo da mulher trans; não é apenas o homem que espanca o casal de homens na avenida. Na lógica dos amoladores de facas e, com isso, na lógica das relações de poder foucaultianas, o sujeito da violência nunca é um caso isolado, nunca é apenas uma manifestação “estranha” por seu ato violento. Há, na verdade, todo um jogo estabelecido nas relações sociais

que produz os ódios, os fascismos. Em seu texto, Luis Antônio Baptista grita, em seu título, para as figuras da atriz, do padre e do psicanalista, e, em miúdos, dizemos de todas as figuras públicas, todas as figuras de respeito público; dos trabalhadores sociais.

Por essa razão é que vamos situar, nesse texto, os discursos cristãos e suas figuras de multiplicação como possíveis amoladores de facas. Obviamente, isso não quer dizer que toda figura cristã atua como um amolador de faca, isto é, como um operante na distribuição de ódios. Todavia, compreendendo em Foucault (2003) que os discursos cristãos há muito se enredam e enraízam na sociedade ocidental, colocamos em xeque sua força e sua potência na produção de ódios contra corpos. Há um corpo desejável produzido e mantido nos jogos vigentes; há um corpo – heterossexual e heteronormativo – que deve ser mantido e reafirmado como “natural” (MISKOLCI, 2012) pelas lógicas cristãs. E, imediatamente, falamos de racismos e sexismos, falamos do corpo ideal (heterossexual/heteronormativo) que deve ser produzido às custas de outros corpos; há todo um processo de clivagem na produção desse corpo ideal que, em Foucault (2010), vamos aprender a chamar de racismo; e, ao mesmo tempo, vamos aprender que não apenas seus prazeres são pertinentes, mas também suas demonstrações táteis desse corpo normatizado. O corpo idealizado é, concomitantemente, jogado nas margens do racismo (o corpo heterossexual é o que importa) e nas lógicas dos sexismos (todo corpo é naturalmente heterossexual, então é preciso talhar-lhe qualquer vestígio não heterossexual e heteronormativo).

É desse modo que nos interessa, justamente, compreender fundamentalismos religiosos como práticas de amoladores de facas contra as populações LGBT. Nos jogos tecidos pelos discursos cristãos, o corpo e a carne fazem-se porta de entrada para o escrutínio da alma. O padre e o pastor, seguindo as Tábuas e os Escritos Sagrados, temperam o corpo e produzem, na carne, os modos (ideais) de ser e estar no mundo, reiterando as normas de como se devem viver os prazeres e como se deve amar. Estabelecem dispositivos de saberes e poderes para afirmarem as narrativas de verdade que dão sustentação aos discursos cristãos e seus efeitos sobre a produção dos corpos desejáveis.

Com o apoio na produção teórica de Michel Foucault em suas discussões sobre o cristianismo, poder pastoral, biopolíticas e fundamentalismos, colocamo-nos em contato com dez representantes religiosos do município de Vitória/ES e propusemos debater o lugar e o conceito da bicha e do homossexual e das violências produzidas nos discursos cristãos em torno das populações LGBT. Dos dez representantes contatados, apenas um rejeitou a pesquisa em virtude do problema de pesquisa, enquanto os outros nove se dispuseram a responder em conversas individuais com duração média de uma hora de áudio com cada líder religioso, que, depois de finalizada, foi transcrita e discutida. Para fins deste texto, foram escolhidos pequenos recortes de suas falas mantidas na íntegra, tal qual disseram e assegurados nomes fictícios.

Assim, esse texto busca compreender como os discursos cristãos produzem corpos desejáveis (heterossexuais) nos entalhamentos e nas cisões dos corpos indesejáveis das populações LGBT. Na articulação entre cristianismo e do racismo, os discursos fundamentalistas proliferam acionando poderes de ordens distintas, ora confundindo-se com os poderes legislativos, ora sendo gerados em lugares, aparentemente, não religiosos.

Por não podermos faltar a um compromisso do presente

Encontramo-nos, constantemente, presos a uma obrigação de verdade, ou, como atualiza o cristianismo, em jogos de confissão. É preciso que a verdade sobre o corpo emerja e, nas regras cristãs, é a figura do pastor que é legitimada a dominar segredos e revelações através da confissão, de dogmas, códigos de comportamento e da escritura sagrada. Como destaca Candiotto (2012), a todo cristão cabe o dever de conhecer a si mesmo e de dar essa verdade – de si – a outrem. Ao cristão, é preciso conhecer suas faltas, suas tentações e pecados, que, em suma, coloque sua alma à luz da fé, em seu duplo de purificação da alma e da verdade sobre si. Ou, como destaca Foucault (2003, p. 59), “[...] tanto a ternura mais desarmada quanto os mais sangrentos poderes têm necessidade de confissões. O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente”.

Nessa lógica confidente, Kleber Prado Filho (2012, p. 116), nos rastros de Foucault, aponta para a ação das tecnologias cristãs – isto é, os modos de diagramar os poderes e os saberes na lógica dos discursos cristãos – e encontra nela a emergência de um poder pastoral sobre o indivíduo e a população. De acordo com Foucault (2010, p. 52), o poder pastoral começa a se desenvolver durante a Idade Média ocidental como uma organização de poder de origem religiosa incidindo na vida e em todas as circunstâncias da vida. Temos, assim, um poder controlador que “[...] não é exatamente nem um poder político nem jurídico, nem um poder econômico nem um poder de dominação étnica”, mas um poder que se exercita garantindo a salvação de seu produto final: o indivíduo.

Assim, considerando o poder pastoral como normalizador de formas de viver (individualmente) e como estratégia de *efeitos estruturantes na sociedade*, tratamos de relações em que a desigualdade é inerente e se fundamenta pela autoridade de um senhor-mestre, um pastor que afirma como deve se comportar o aprendiz, o corpo servil modelizado por essa relação.

Ora, mas nem todos os corpos se prostram nessa relação de aprendiz-mestre da religião cristã. Todo aquele que se recusa a essa modelização deve ser classificado como estranho, impuro, anormal, pecaminoso. Se o poder pastoral é distribuído de forma capilar nas instituições de controle e se constitui como força da população operando em defesa de uma identidade normalizada, todo o fundamentalismo, sexismo e fascismo podem ser explicado sob o preceito de salvação.

De acordo com Pierucci (2008), historicamente, a vida errante à Bíblia se pautou como um dos maiores preceitos para as ações fundamentalistas. Sob a alegação de defensores da fé e da moral cristã, o movimento apresentou-se contra pensamentos, saberes e práticas consideradas modernas, revolucionárias e científicas. Implicado em questões contextuais e preocupadas com saberes que poderiam destronar as formas de compreensão do mundo dessa maquinaria perfeita, na qual Deus é o criador, a direção do olhar se dirigia contra Darwin (evolucionismo) e contra os ensinamentos da escola e os ensinamentos modernos da sociedade. Para os fundamentalistas norte-americanos da virada do século XX, estava posto que:

[...] a difusão do evolucionismo biológico nas escolas condensava o alto grau de decadência a que havia chegado a sociedade americana: a descristianização da cultura e da educação, a secularização radical dos modos de pensar. Daí o medo fundamentalista do futuro, de um futuro sem Deus, seu aguçado sentido de urgência, sua indignação moral embebida de catastrofismo (PIERUCCI, 2008, p. 194).

Hoje, um século se passou e as narrativas cristãs permanecem como se fosse verdades a-históricas, nas mais diferentes formas de territorialização, em suas mais distintas roupagens. Ao mesmo tempo, o mercado de féis também se ampliou, reatualizando dogmas e verdades, multiplicando os discursos e os modos de circulação desse. De quais catástrofes ainda se tem medo? A família não foi corrompida, mas, de que família mesmo estamos falando? A espécie humana não foi comprometida? “Crescei e multiplicai-vos” continua sendo preceito respeitável? Quem é que tem medo? O que se teme e por que temer? Como é que se produz o medo?

E de imediato dizemos: temos presenciado, no território brasileiro e no estado do Espírito Santo, uma avalanche de discursos de cunho fundamentalista e exterminadora. Em Vitória/ES, o arcebispo põe a comunidade em estado de alerta: discutir ideologias de gênero destrói a família (GAZETA ONLINE, 2015)! O discurso do arcebispo logo se filia ao de Bento XVI (PADRE PAULO RICARDO, 2015) e espalha-se pelas câmaras de vereadores das cidades metropolitanas do estado, espalhando-se como vírus nos ânimos da população capixaba. Quem ousa ameaçar destruir a família e o que de tão sagrado há nela?

Decerto, narrativas racistas, sexistas e catastróficas não nos faltam! Racismos que são, antes de tudo, redução dos modos de vida, redução da vida do outro. Como Foucault (2010, p. 215) aponta,

[...] o racismo vai permitir estabelecer, entre minha vida e a morte do outro, uma relação que não é uma relação militar e guerreira de enfrentamento, mas, uma relação que é do tipo biológica: quanto mais as espécies inferiores tenderem a desaparecer, quanto mais os indivíduos anormais forem eliminados, menos

degenerados haverá em relação à espécie, mais eu – não enquanto espécie – viverei, mais forte serei, mais vigoroso serei, mais poderei proliferar. A morte do outro, não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida mais sadia; mais sadia e mais pura.

É nesse contexto de racismos, de racismos sobre as populações LGBT, e sexismos contra a “antinaturalidade” dessas populações que tomamos os discursos cristãos contra as ditas “ideologias de gênero”. Como proferido pelo Arcebispo da Arquidiocese de Vitória, a

Ideologia de gênero refere-se a orientação sexual que os governos ateus e materialistas querem impor, através de lei, nos Planos Nacional, Estadual e Municipal de Educação, de uma maneira totalitária e perversa, que as Escolas sejam obrigadas, por lei, a impedir que crianças aprendam que os seres humanos se dividem em dois gêneros: masculino e feminino. Querem impedir que a criança vá percebendo desde os mais tenros anos de idade a diferença física natural que existe e assim é educada pelos pais com carinho como menina ou menino. Esta ideologia de gênero proíbe os professores e educadores, a tratarem as crianças de creches e escolas infantis como menina ou menino, João e Maria (GAZETA ONLINE, 2015).

Não é para tanto, afinal, que tantos olhares maldosos sejam lançados às bichas, às sapatas, às e aos trans, às travas. Pela lógica cristã, queremos estabelecer uma “ditadura gay”? Não seguimos as regras do Livro Sagrado e, por conseguinte, nossas vidas não podem ser plausíveis, nossas ações são sempre corrosivas e corruptas.

Não adianta eu falar para alguém que não vê a bíblia como um livro sagrado. A Igreja Católica não exclui a homossexualidade. O problema não é a identidade e sim a prática sexual desta identidade. Eu acho que

existe também uma ofensividade muito grande hoje daqueles que são os representantes do movimento LGBT (Padre Miquéias, acervo de pesquisa).¹

Ao mesmo tempo, em *outdoors* espalhados nas cidades do estado do Rio de Janeiro, uma fala de Silas Malafaia estampa os humores cristãos e repercutem nas redes sociais: “Em favor da família e preservação da espécie humana. Deus fez macho e fêmea” (HOLOFOTE, 2016).

Estes discursos, com as forças apelativas que possuem, buscam demarcar em suas pautas a garantia da continuidade da espécie sadia, através da reprodução heteronormativa e da produção de medo. O prelúdio anunciado pelo Padre Miquéias nada mais é do que a convergência das forças que não são mais apenas atuantes no campo da igreja, mas que a atravessam por inteiro. O Padre Miquéias anuncia, do outro lado, uma ofensiva a qual, por seguirem o Livro Sagrado, jamais poderiam realizar. No cristianismo, a lógica é sempre a de salvação (AGAMBEN, 2014)! Salve-se a família, logo a espécie humana e sua pureza, e então será garantida a manutenção das políticas sobre a vida e das estruturas de poder. Na contramão deste desejo de pureza, os degenerados, os anormais, a população LGBT e aqueles sem nome que ousam desafiar a norma e a moral fundamentalistas intensificadas ao nosso redor, tornam-se, como nos lembra *Beijinho no Ombro* da Valesca Popozuda, alvos de “tiro, porrada e bomba”; tornam-se alvos de políticas de normalização, de práticas de reinserção na vida pública desejável por via da inviabilização das vidas anormais, impuras e imorais (RODRIGUES, FIM, ROSEIRO, 2015).

Encaramos, todos os dias, retrocessos e impasses no campo da vida política no que diz respeito a temáticas que, para muitos de nós, são caras na efetivação de processos de negociação e para a garantia do direito à diferença. A vida pública encontra-se em pleno processo de precarização pela ação de legisladores compromissados com pautas segregatórias, com

¹ Por questões de estética e de aposta na escrita, todos os trechos de falas dos líderes religiosos são apresentados não como citação, mas como parte integrante do próprio texto. Por essa razão, optamos por manter as falas em normas próprias, integradas ao texto, mas separadas para indicar a especificidade de quem as pronuncia.

pautas cristãs racistas, sexistas e fascistas. Sob a vista pesada, a vida parece beirar o precipício; e, desfiladeiro abaixo, os corpos anormais parecem seguir. “A vida homossexual deve prosseguir!”, o poder pastoral grita.

É nesse contexto, portanto, que nos colocamos em encontro com pastores, pastoras e padres do município de Vitória/ES para problematizar o lugar da produção de sexualidades em uma analítica genealógica (FOUCAULT, 2006b). Afinal, como são exercitados os jogos de poder pastoral nos discursos referentes às sexualidades? Assim, entre escutas e diálogos, colocamo-nos atentos ao contemporâneo, como propõem Giorgio Agamben (2014), atento às preocupações que não podem – e nem ensinam – encontrar uma “origem”, mas tensionar os modos como os problemas se arranjam. Interessaram-nos, precisamente, as afirmações heteronormativas das sexualidades que invocam, em suas enunciações, os regimes de verdade e os preceitos transcendentais de bem e mal que prejudicam ou impedem a expansão da vida com as sexualidades “dissidentes”.

Colocamo-nos, então, a indagar: junto aos discursos de ódio, o que dizem algumas quanto às sexualidades fugidias aos regimes heteronormativos? Como as sexualidades são produzidas nos discursos cristãos dos líderes religiosos que se puseram em conversa conosco? Será que podemos dizer de uma única igreja? Será que os discursos cristãos convergem em uma única narrativa do corpo desejável?

Entre isso e aquilo: sexualidades controladas e educadas em estilos pastorais

Muitas seriam e são as possibilidades de produção de categorias de análise ao tomarmos as conversas e seus fragmentos como condição de parada obrigatória para reflexões. À medida que nos posicionávamos nas conversas, sendo por elas também posicionados, algumas narrativas reacendiam lembranças de histórias contadas, reiteradas cotidianamente e policiadas pelo poder pastoral de plantão. Poder pastoral esse que, afinal, não apenas diz o famoso *não*, mas que enseja no corpo e na alma o cuidado supremo idealizado e multiplicado pelo cristianismo. Essas histórias, seus

fragmentos recontextualizados em diferentes canais educativos, tatuam corpos desejanças aos modos dos palimpsestos e marcam a construção de nossas identidades ao sabor das histórias dentro de histórias. Parece-nos que as histórias bíblicas – reeditadas nas famílias, nas escolas, nos espaços religiosos pelos quais circulamos – percorrem e perseguem um fio condutor de conexões de tempos e espaços limpos de impurezas e moralizados. Nesta condução, buscam interditar os sujeitos que não se conformam à “moral heterossexista” (BORRILLO, 2010), à lógica “natural” do humano.

Deus criou o homem e a mulher. O homem deixará seu pai e sua mãe, se unirá a sua mulher e será uma só carne. Até porque, a procriação de um novo ser humano exige um homem e uma mulher e humanidade tem interesse em procriar (Padre Izaías, acervo de pesquisa).

Esse pequeno recorte de fala do Padre Izaías nos arremete, justamente, à “naturalidade” da heterossexualidade, da pressuposição de que, a qualquer forma de vida, caberia, unicamente, a heterossexualidade como regra. Ou, como Miskolci (2012) interpõe, o recorte do Padre Izaías diz-nos do conceito de *heterossexismo*. Mas, ao mesmo tempo, diz também de toda uma *heterossexualidade compulsória*, de uma necessidade de impor, ao mundo, o modelo heterossexual de viver relações amorosas, sexuais, carnais, afetivas. No limiar, diríamos sem dúvida de toda uma visibilidade heteronormativa, de toda a ordem sexual que pressupõe o heterossexismo e a manutenção heterossexual compulsória.

Ora, mas nesse jogo, o Padre Izaías não é o único apostador. O discurso heterossexista é vastamente multiplicado pela pastoral cristã, isto é, pelo poder pastoral de cunho cristão contemporâneo. Ainda em diferentes modelos de igrejas, padres, pastoras e pastores dão continuidade a toda à lógica heteronormativa, seja assumindo caráter mais ofensivo, seja alegando a veracidade dos Textos Sagrados.

O casamento, eu sou bem conservador, eu acredito em casamento entre um homem e uma mulher. Isso é casamento na concepção bíblica (Pastor Jeremias, acervo de pesquisa).

O mandamento de Deus continua o mesmo, casamento é para a procriação. A nossa Igreja, a Igreja de Jesus Cristo abraça todas as pessoas, venham como vier. A Igreja tenta mostrar a verdade. Na bíblia, família é a tradicional. Na nossa Igreja só fazemos casamentos se o casal for membro da nossa Igreja, se tiverem feito o curso de casados para sempre e forem batizados na nossa Igreja” (Pastora Raquel, acervo de pesquisa).

Assim, como nos falam Burrillo (2010) e Miskolci (2012), o heterossexismo, a heterossexualidade e a heteronormatividade – tripé de uma mesma política de disciplinamento e controle de um corpo e da população – podem ser compreendidos como uma maquinaria astuciosa de produção de hierarquias entre as sexualidades classificadas no catálogo da moral heterocentrada como medida a ser perseguida. Na materialidade da natureza do corpo, que não pode trair as expectativas de gênero e sexualidade, é que se busca conferir a justa medida da natureza perfeita e do poder de Deus. A procriação da espécie sadia torna-se, certamente, o elo da maquinaria do poder pastoral que, incansavelmente, busca garantir o conservadorismo presente nos discursos cristãos contemporâneos.

Estes jogos cristãos, tornados micropoderes e distribuídos para além dos espaços-tempos das igrejas, desejam, compulsivamente, a heterossexualidade como padrão de legitimidade e razão de privilégios. A declarada guerra contra as ideologias de gênero encontra eco em políticas públicas, nas políticas de consumo, nas políticas da vida. Não nos é mais possível falar apenas de uma “vontade cristã” localizada geograficamente nas instituições Igreja. Espalhando-se por capilaridades dos jogos cristãos, a luta contra os “ateus e materialistas” (como dito pelo arcebispo de Vitória) e contra a “ditadura gay” (como veiculado em *websites* evangélicos) instaura toda uma política de produção de arte, de literatura, de mídia e mesmo de alimentação que incidam na afirmação heteronormativa do heterossexismo.

Nessa lógica, cogitar o Ministério de Ciência e Tecnologia a um bispo da Igreja Universal (ÉPOCA, 2016) não é demasiado estranho; efetivaria, apenas, o casamento que há muito tem sido cortejado entre os saberes reguladores dos modos de vida. Também não deveríamos estranhar

o momento em que Marisa Lobo entrega ao novo Ministro da Saúde seu mais novo livro intitulado *A ideologia de gênero na educação* (FACEBOOK, 2016). Em suas obsessões pela identidade pura e original, os jogos cristãos reatualizam os processos de violências micro e macropolíticas, físicas e simbólicas, afetivas e corpóreas, ideológicas e materiais; afirmam-se produzindo racismos na lógica foucaultiana, racismos que abarcam a todos que amam diferentes, não conseguindo compreender questões importantes como gênero, identidade de gênero, orientação sexual e a própria produção de subjetividade envolvida nesses processos.

Ao nos colocarmos com os líderes religiosos que se dispuseram a conversar, provocamos algumas questões explorando as vidas anormais, subversivas, imorais. Afinal, por que o existir LGBT provoca tanto incômodo para o cristianismo? Que ameaças as identidades e subjetividades LGBT representam para a população no sentido da procriação e conservação da espécie? Por que, para alguns cristãos, a população LGBT não pode gozar dos mesmos direitos heterossexuais, como procriação, casamento e família?

Na verdade, família para nós é a união entre homem, mulher e filhos. Essa é a dimensão familiar à luz da palavra de Deus. É aquilo que chamamos de família nuclear. Para mim isso aqui é família (Padre Miquéias, acervo de pesquisa).

Para a Igreja, a criação é fruto do amor de Deus. Então, ele cria mulher e homem e a partir dessa visão todos os sacramentos são ordenados. Só existe casamento para procriação. Não tem como sair disso, é um dado bíblico. Família para a Igreja Católica é constituída por pai e mãe. Isso é família para nós (Padre Jacó, acervo de pesquisa).

Antes de celebrar o casamento eu preparo um curso para casais. Só casamos os membros de nossa igreja, ela não pode mentir, um dos princípios de um dogma é a verdade (Pastor Ezequiel, acervo de pesquisa).

Ao discorrerem sobre procriação, casamento e família tradicionalmente conhecidos por nós através dos discursos cristãos, os

líderes religiosos reiteram a hegemonia discursiva da heteronormatividade. Sabemos, entretanto, que esses discursos não estão reservados somente aos púlpitos das igrejas, que ganham a cena pública como política e se espraiam como força da população, ativando dispositivos de controle sobre corpo, gênero e sexualidades. Assim, de forma crescente temos presenciado, em diferentes canais de comunicação, discursos inflamados trazendo modos sutis de fascismos, racismos e fundamentalismos que, muitas vezes, se fazem acompanhar da presença de um líder/representante religioso. Todos têm o que dizer e, quando não dizem, são convidados a dizer! Os mecanismos do aparelho de confissão não apenas se espalham como também se fazem convidativos. Estrategicamente endereçados a uma fatia da população, esses discursos enaltecem certas purezas, certas lutas contra o mundo carnal. Veem no campo da opressão/exclusão/inclusão a necessidade de múltiplas articulações. E, como a máquina religiosa exige, é a redenção e a salvação que entram em suas estratégias: a sua capacidade sagrada de transformar o demoníaco em santificado.

Os sujeitos que sustentam tais discursos produzem legitimidade ao se representarem “[...] como porta vozes de valores universais, bastiões da moralidade, conjugando percepções negativas da diversidade sexual” (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2013, p. 81). As dimensões públicas e religiosas se misturam, desenham um tecido liso, onde o corpo do indivíduo e da população pertencem ao Estado e a Deus e, conseqüentemente, à igreja e aos que fazem esta igreja.

Ora, o que, entretanto, parece relegado às margens do cristianismo é, justamente, sua pluralidade. Compreendendo que os discursos religiosos e os sujeitos em carreiras religiosas se constituem de lugares diferentes, pudemos, também, presenciar o desconforto de alguns desses líderes religiosos com a pedagogia do medo posta em circulação a partir da manipulação dos textos bíblicos.

Quando você vai discutir homossexualidade, questões de reprodução, você precisa usar categorias públicas. Por que quando a gente fala na categoria religiosa é indiscutível (Pastor Oséias, acervo de pesquisa).

Eu vou falar daquilo que é mais corriqueiro nas Igrejas. Tudo o que foge do ‘padrão’ macho e fêmea, eles falam que é demoníaco. A maioria das Igrejas trabalha com o discurso da opressão. Elas querem oprimir o outro, elas querem ver o outro com o sintoma da culpa. A Igreja seria então uma mãe bondosa a oferecer a graça (Pastor Habacuque, acervo de pesquisa).

Essa possibilidade de falar de “categorias públicas” e de conceitos “corriqueiros” ou “padrões” da igreja nos permitem, justamente, pensar na dissonância desses dois interlocutores. Há, em suas falas, argumentos contra hegemônicos ao que nos parece ser uma regra no trato com as sexualidades; contra-hegemonias que se apresentam mais como a simples menção a uma *possibilidade*. Ao delimitarem um “padrão”, permitem-se, também, dizer que existem outras possibilidades. E, como o Pastor Habacuque tão bem delinea, a igreja aparece como a “mãe bondosa a oferecer a graça”. E, claramente, há outras possibilidades de corpos, de gêneros, de sexualidades.

Todavia, estes sujeitos religiosos com suas práticas não ganham visibilidade na disputa da carne da população nos meios de comunicação e na esfera política. Na maioria das vezes, uma forma de pensar a família, casamento e procriação são colocados pelas empresas religiosas, donas de canais de televisão de maneira sensacionalista e espetacular. Performatizam discursos inflamados e fazem uso de encenações comoventes, em torno dos atos de cura e de milagres do corpo doente, desviante e em estado de pecado. A culpa desse desalinhamento é sempre do Demônio. E, se ele apossou-se de um corpo – na fragilidade do desejo – será a fé o caminho de retorno ao estado natural e a sua origem divina.

Alinhando-se a fragmentos da cosmologia cristã, espetáculos religiosos reatualizam os textos/discursos bíblicos para a população brasileira, ampliando o desejo de manutenção do que foi criado como medida, ou seja, a heterossexualidade como desejo de Deus. Por isso, justificam que Deus criou o homem e a mulher, o masculino e o feminino e reiteram, a todo o momento, os gêneros como lógicas não cambiáveis. É preciso que a possibilidade – aquilo que pode vir a ser – seja negada; é preciso afirmar que nada “se torna”, que nada “venha a ser” (BUTLER,

2013). Na busca de uma coerência que não está na bíblia sobre aquilo que podemos nos tornar, os discursos cristãos conservadores manipulam fios soltos e utilizam, como estratégia política, o acirramento na esfera pública da barganha de direitos e conquistas da população LGBT.

A igreja/discurso/prática/política que fabrica o demoníaco é a mesma que acredita poder santificar o que ela criou como demoníaco. O excêntrico é um atrativo de desejo.

Conquistas da população LGBT trouxeram a público, marcas da rejeição e da intolerância à diferença que, durante muito tempo, estiveram camufladas nos discursos de acolhimento das políticas de tolerância do amor cristão e das políticas de inclusão. Nestes últimos anos, os setores mais conservadores da sociedade brasileira pautam e inflam suas agendas e barganhas políticas, negociando e desqualificando direitos já conquistados pela população LGBT. Nestas encenações, com roupagens de um estilo cristão e de caráter fundamentalista, conhecidas e sentidas no corpo como alvo da população LGBT, reativa-se estereótipos negativos, que incidem na cena da vida dos que assumem outras identidades/subjectividades como direito e desejo, produzindo sua demonização. Os (não tão) novos modelos familiares e conjugais (união civil/casamento) no campo da previdência social espantam e escandalizam uma parcela cristã e política conservadora. Ainda que pouco, conquistas como essa abalam e fragilizam os supostos lugares de conforto, evidenciando-se frágeis as matrizes do binarismo hierarquizado produzido entre sexos e gênero e a heterossexualidade compulsória.

A minha tendência é pela discrição. Eu posso até compreender as pessoas, mas não sei por que às vezes as pessoas parecem que têm necessidade de manifestar, de contestar sociedade a partir deste tipo de comportamento (Padre Isaias, acervo de pesquisa).

A tradição cristã sempre declarou que os atos de homossexualidade são condenados e contrários à lei natural. Para o Papa Francisco os homossexuais devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza (Padre Jacó, acervo de pesquisa).

Assim, os sujeitos constituídos LGBT – assumindo a saída dos armários dos mais diferentes fundamentalismos que nos educam – subvertem a repetição dos modelos da heteronormatividade, colocando em xeque as certezas que se pretendiam garantidas aos legisladores da moral e da sonhada coerência entre corpo, sexo e gênero. Na esteira dessa obsessão pela norma como garantia da espécie e da família heterocentrada, a busca do elo perdido (coerência entre corpo-gênero-desejo) passa ser a causa animadora de racistas e fundamentalistas de plantão que se acham no direito, em nome de sua pureza, de ceifar as vidas das carnes que valem menos no mercado das disputas identitárias.

Para todos nós a bíblia é inspirada, revelada, escrita como Deus quis. Quando você se torna membro da Igreja Presbiteriana do Brasil, você admite que recebe a bíblia como palavra de Deus e única regra de fé e prática, então você se submete a palavra (Pastor Jeremias, acervo de pesquisa).

A bíblia não foi invenção humana. Nós cremos que a bíblia é a palavra de Deus revelada. A bíblia nos diz que o Espírito Santo habita em nós, em nosso coração. Os homossexuais serão sempre bem-vindos em nossa igreja. Agora tem uma norma, uma regra da Igreja, que para participar das ministrações, das celebrações, teria realmente que estar dentro das normas bíblicas. Na bíblia fala de sodomia. Sodomia é a mesma coisa que homossexuais. Inclusive tem um texto muito claro, que fala “maldito o homem que deitar com outro homem como se fosse mulher”, no antigo testamento. Naquela época existia muitas pessoas com essas práticas. Deus ama os homossexuais, mas não ama seu pecado (Pastora Raquel, acervo de pesquisa).

É esta lógica normativa, essa regra que só pode ser realizada se exercida diretamente sobre a vida, que também produz tanto temor aos temerosos cristãos. O corpo cristão pode, jamais, sair da vida regradada, abandonar as vestes da graça (AGAMBEN, 2014). A grande questão é que os próprios cristãos entendem que a vida é constituída; eles mesmos sabem

como a produção da vida é um processo permanente. E lhes assusta, em demasia, a vida que ousa não apenas fugir a regra cristã, mas que tende a produzir modos de vida mais saudáveis e alegres.

De fato, quando se diz que o sujeito é constituído, isso quer dizer simplesmente que o sujeito é uma consequência de certos discursos regidos por regras, os quais governam a invocação inteligível da identidade. O sujeito não é determinado pelas regras pelas quais é gerado, porque a significação não é um ato fundador, mas antes um processo regulado de repetição que tanto se oculta quanto impõe suas regras, precisamente por meio da produção de efeitos substancializantes (BUTLER, 2013, p. 213).

Numa busca incansável pelo elo perdido advindo da fragilidade da heterossexualidade compulsória, discursos e práticas racistas e fundamentalistas retroalimentam verdades, as quais, em processos de guerras, foram concebidas e negociadas socialmente como naturalidade e universalidade sobre o corpo, sexo, gênero e identidade. Em meio à guerra, os discursos cristãos autodenominam-se “vontade da maioria” e “história natural”. E, como Butler (2013, p. 64) chama nossa atenção, o perigo reina onde a história é única. A história das origens é uma “[...] tática astuciosa no interior de uma narrativa que, por apresentar um relato único e autorizado sobre um passado irrecuperável, faz a construção da lei parecer uma inevitabilidade histórica”. Valendo-se de argumentos cosmológicos e de dogmas conservadores que buscam garantir a manutenção da família heterocentrada, os discursos cristãos – entre táticas heterogêneas e estratégias plurais, discursos, saberes e poderes – orquestram modos de racismos (FOUCAULT, 2010) e fundamentalismos (PIERUCCI, 2008), que desqualificam e põe em perigo/risco o existir dos LGBT.

E por não podermos sair da luta: deslocamos...

O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por

que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 2006a, p. 10).

Em nossas ações implicativas com as mais diferentes e pulsantes questões LGBT, mantivemo-nos em conversas nas tessituras dos enredos e das tensões. As conversas e a potência de deslocamentos se abrem na imanência das relações que estabelecemos com o outro e nos permitem possibilidades nas tensões conversantes, permitindo, inclusive, o direito de sairmos delas. Mas se permanecemos nisso chamado “conversa”, esta será estabelecida de modo que nos permita compreender as *tecnologias do eu* que nos fazem agir, pensar, narrar, julgar, escrever, amar, viver etc. desta e daquela maneira. Afinal, também as conversas fabricam sujeitos, subjetividades, políticas e micropolíticas dos corpos. Mesmo enquanto deslocamentos, as conversas podem, também, fabricar racismos, sexismos, fundamentalismos, desesperos...

Talvez, aqui, seja-nos pertinente, então, pensar em toda a emergência das novas acusações e caçadas às populações numa lógica aos processos de hibernação. Se a hibernação é um processo no qual alguns seres vivos se colocam de forma adaptativa para sobreviver aos ciclos climáticos e às intempéries da vida, decerto é, também, uma tática de sobrevivência de guerra. O estado de dormência que, aos olhos descuidados, podem parecer estado de morte, vencido os ciclos frágeis e, após a hibernação, estes seres ressurgem com mais fome e forças para se manter em jogo. As hibernações os fortalecem e os deixam esfomeados. Assim, também, podemos pensar os discursos fundamentalistas, pensar as defesas cristãs que parecem se munir com garras e dentes esfomeados. Se os modos de vida pareciam se multiplicar, era, de certo modo, para alimentar o desejo da carne cristã fundamentalista. Os fundamentalistas ressurgem, sempre mais esfomeados, prontos a defender as Escrituras Sagradas, a afirmar a vida sagrada, a afirmar o corpo cristão. Os discursos cristãos, decerto, não desaparecem, apenas entram ou são, cuidadosamente e circunstancialmente, colocados para hibernar. Colocam-se à espreita e à espera de um bom momento. Estamos vivendo um bom momento? Preparem-se para o ataque!

E, nas sociedades pacíficas dos múltiplos pós-guerra vividos no século XX, os ataques são, majoritariamente, discursivos. A fome aparece,

entre outras coisas, como aquilo que Foucault chama de vontade de verdade e de poder. Parece-nos, assim, que as interdições na ordem do discurso encontram-se em um momento de acirramento, como argumenta Foucault:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual de circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessar de modificar. Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder (FOUCAULT, 2006a, p. 10).

Vontade de verdade e de poder é o que nos movimentam. Não temos *salvo conduto* em nossas disputas. Sabemos que o poder é produtivo! Mas, como Foucault (2006a) chama atenção: é nos discursos que o poder se exerce! Isso fica irrefutável para nós quando um de nossos conversantes diz: “Se você não acredita que a bíblia é um livro sagrado, não tem o porquê de conversarmos”. A Bíblia e suas interpretações comandam a ordem do discurso (pela perspectiva cristã) e seus endereçamentos. Esta crença coletiva, compartilhada e reatualizada é o que vai contribuir e garantir os princípios de exclusão e inclusão, separação e rejeição. É essa crença coletiva, esse campo da vida cristã, que alimenta todo o ódio fundamentalista.

Interessa às forças políticas conservadoras e aos cristianismos hegemônicos de visibilidade midiática, que, na ordem do discurso, a

homossexualidade seja perseguida tornando-se objeto do desejo de conversão, em processos que excluem para incluir e que incluem para segregar. Quanto mais gays transformamos em não-gays, mais teremos testemunhas para a obra do Deus e do mundo perfeito. “Os testemunhos são considerados prova do poder de Deus, que deveria inspirar outros pecadores aderir ao projeto religioso” (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2013, p. 158).

E, tragicamente, somos lembrados que a Obra de Deus pode, ainda, anunciar cruzadas, produzir soldados dispendo de espadas e armas, de “boa vontade” e “disciplina” para efetuarem o trabalho divino (FOLHA UNIVERSAL, 2016). Os *Gladiadores do Altar* fazem lembrete massivo das legiões disposta a uma se empenharem em uma cruzada moral.

Nestas cruzadas, os sujeitos em carreiras religiosas anunciam seus amores às outras sexualidades (“[...] amamos os homossexuais; a igreja não exclui os homossexuais, vocês são bem-vindos em nossa igreja”) e, ao mesmo tempo, o que não se aceita nos ciclos religiosos e congressionais são “as práticas sexuais entre iguais e comportamentos vistos e tidos como agressivos e inadequados” (Pastora Raquel, acervo de pesquisa). O que se espera nas igrejas cristãs conservadoras é que, na prática do acolhimento da diversidade sexual, esteja a transformação do pecador. Para algumas pastorais cristãs “[...] a prática do pecado da carne é algo abominável aos olhos de Deus”, uma vez que, como nos disseram fazendo menção ao texto bíblico, “Deus fez o homem e a mulher e, estes se unirão em uma só carne” e, entretanto, “Deus transforma todo aquele que N’Ele crê e, maldito o homem que deitar com outro homem como se fosse mulher” (Padre Izaías, acervo de pesquisa).

O corpo anormal pode viver, desde que apto a viver como corpo desejável: máxima do racismo foucaultiano.

Podemos perceber – e também sentir com os nossos corpos e com o aumento de violência física e simbólica contra a população LGBT – que, em jogo nesta trama discursiva e política, está à homossexualidade como um modelo a ser fugido, evitado; está um indivíduo a ser corrigido. Pela correção, na crença na palavra de Deus, permite-se a chance de ser normal. E, curiosamente, trata-se de uma normalidade não apenas aceitável em tais práticas sexuais e em tais identidades sexuais, mas, sobretudo, trata-se de

uma normalidade biopolítica dos estilos de comportamentos, pensamentos, afetos e desejos aprovados e desejados. Os afetados pela bichice e pelas lesbianidades, pelas travestilidades e pelas transexualidades são desejáveis ao ponto de correção, ao ponto de salvação. Afinal, como alegam, “[...] existe uma ofensividade muito grande hoje daqueles que são os representantes do movimento LGBT”, e, em seus dizeres, dizem não saber porque “[...] pessoas parecem que têm necessidade de manifestar, de contestar sociedade a partir deste tipo de comportamento” (Padre Miquéias, acervo de pesquisa).

De forma reiterada, os:

Aparatos de correção são criados e dirigidos para reforçar a norma do que é bom e belo aos olhos de Deus (a heterossexualidade) e do que é sujo e pertence ao reino das trevas e do mal (a homossexualidade). O homossexual é condenado à danação eterna, conquanto tome a decisão de aceitar a Jesus e purificar seu corpo da prática do pecado, concordando em morrer para si e renascer como criatura transformada: um ex-homossexual (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2013, p. 157).

A inclusão a qualquer custo parece ser o objetivo do exército de Cristo, ainda que manipulando, descontextualizando e pedagogizando a vida a partir de interesses fundamentalistas. O lugar do feminino também é invocado como algo que devemos nos afastar. “Você até pode ser gay, mas, seja contido, entra na norma! Não precisa ser pintosa para viver a identidade homossexual” (Padre Izaias, acervo de pesquisa). Neste tipo de posicionamento, a heteronormatividade continua produzindo as regras do jogo para LGBT e não-LGBT, continua nos dizendo como devemos nos comportar para sermos aceitos. A heteronormatividade advoga que ter um pênis significa, obrigatoriamente, ser másculo e esta regra como medida de comportamento atinge a vida também daqueles que, por um acaso, não o tem ou que se comportam diferente dos padrões ensinados pela nossa cultura heterocentrada. Exemplos de pessoas vítimas de violências desta norma não nos faltam: basta reler o parágrafo introdutório desse texto ou abrir qualquer jornal. Afinal, se não cedemos à lógica heteronormativa,

somos obrigados a sentir na carne essa caça; e, decerto, na perspectiva da heteronormatividade, é preciso que:

A erotização não heterossexual seja invisibilizada, isto é, dois homens podem parecer como parceiros, mas esse vínculo não pode ser erotizado/sexualizado, ou, como dizem as pessoas: o sexo é dentro de quatro paredes, pode fazer o que quiser na cama, mas na rua se comporte como homem (COLLING; NOGUEIRA, 2014, p. 180).

Portanto, cada vez mais os comportamentos contidos vão se constituindo em regra social para as identidades LGBT, se bem nos comportarmos (responsabilidades nossas) ampliamos as nossas chances de sobrevivermos às práticas racistas, sexistas e fundamentalistas! Vontade de verdade e de poder tecem as relações públicas e políticas que imprimem culpa a um corpo mal educado, nas violências sofridas pela população LGBT, que é responsabilizada, por sua má conduta, de seu próprio extermínio. Contudo, esta vontade de verdade e de poder não é universal, não representa todos os sujeitos e líderes religiosos, muito menos, as diferentes possibilidades de viver e interpretar o cristianismo e o texto bíblico. À luz do desespero, duas últimas falas voltam a inserir brechas frágeis na metanarrativa cristã.

O conceito de homossexualidade que hoje conhecemos não tem nada haver com o contexto de Paulo. O conceito paulino é sobre pederastia, sodomia e escravidão sexual. Por pederastia ele entendia os abusos vividos pelas crianças, por sodomia, estava em pauta à libertinagem e os abusos sexuais sobre os escravos. É disso que Paulo tá falando. Não tem um elemento que una ao conceito de homossexualidade atual, onde duas pessoas adultas, livremente, em consciência, possam ter um relacionamento seja espontâneo, seja casual ou permanente, com o que Paulo estava denunciando. O que o antigo testamento conhece é a escravidão sexual (Pastor Oséias, acervo de pesquisa).

Essa discussão é enorme em Paulo. Paulo fala que os homens e mulheres deixaram sua forma natural. Paulo estava escrevendo em um contexto, em que há

um endeusamento muito forte ao culto ao imperador Calígula. Paulo estava criticando a coisificação do outro (Pastor Habacuque, acervo de pesquisa).

Eis, coexistindo, outros pensamentos, conhecimentos, interpretações e histórias.

Entre os discursos em circulação neste texto, outros fios estão costurando a mesma história, atingindo de maneira diferente outros sujeitos e subjetividades, incluindo os sujeitos heterossexuais. Dois de nossos interlocutores vão nos contar outras histórias sobre as histórias bíblicas e nos contextualizar numa versão que não chega à população. Por que as pessoas não podem saber sobre sodomia e pederastia aplicado ao contexto de Paulo, no qual o corpo da criança, dos escravos e da população em geral, era alvo de abusos de homens livres e imperadores? O que mudaria em nossa história se nos permitissem saber que Paulo não utilizou este conceito com o que conhecemos por homossexualidade? Apenas perguntas! E por não podermos concluir esta conversa, continuamos em nossos deslocamentos inquietados pelas operações de poder que nos atingem e nos assombram diante do extermínio da população LGBT.

Quem os racismos e os sexismos mataram hoje?

Referências

- AGAMBEN, G. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- _____. *Nudez*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- BAPTISTA, Luis Antônio dos Santos. A Atriz, o Padre e a Psicanalista - os amoladores de faca. *Anuário do Lasp*, Niterói, v. 1, n. 3/4, p. 103-109, 1997.
- BURRILLO, D. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CANDIOTTO, C.; SOUZA, P. *Foucault e o cristianismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

- COLLING, L.; NOGUEIRA, G. *Relacionados mas diferentes*: sobre os conceitos de homofobia, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade. In: RODRIGUES, A.; DALLAPICULA, C.; FERREIRA, S. R. da S. (Org.). *Transposições*: lugares e fronteiras em sexualidade e educação. Vitória: Edufes, 2014.
- ÉPOCA. Temer está a um passo de desistir de pastor no Ministério da Ciência e Tecnologia: a repercussão negativa da comunidade científica fez o vice-presidente repensar indicação de Marcos Pereira, licenciado da Universal. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/05/temer-esta-um-passo-de-desistir-de-pastor-no-ministerio-da-ciencia-e-tecnologia.html>>. Acesso: 18/05/2016.
- FACEBOOK. Marisa Lobo com Marisa Lobo Franco em Aeroporto de Congonhas. Postagem de 14 de maio de 2016, às 15:49. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MarisaLobo>>. Acesso: 18 mai. 2016.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2006a
- _____. *Ditos e escritos, volume V: Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2014.
- _____. *História da sexualidade 1: vontade de saber*. Rio de Janeiro: Grall, 2003.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Grall, 2006b.
- GAZETA ONLINE. Arcebispo de Vitória Critica ideologia de gênero: “Destroí a família”. Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2015/06/noticias/cidades/3900646-arcebispo-de-vitoria-critica-ideologia-de-genero--destroi-a-familia.html>. Acesso: 14/08/2015.
- GGB. Grupo Gay da Bahia. Assassinato de homossexuais (LGBT) no Brasil: relatório de 2014. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2015/01/relatc3b3rio-2014s.pdf>>. Acesso: 20/12/2015.
- HOLOFOTE NET, ENFOQUE CRISTÃO. Pr. Silas Malafaia espalha 600 *outdoors* pelo Rio de Janeiro em favor da família tradicional. Disponível em: <<http://holofote.net/pr-silas-malafaia-espalha-600-outdoors-pelo-rio-de-janeiro-em-favor-da-familia-tradicional/>>. Acesso em: 17/05/2016.

- MISKOLCI, R. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- NATIVIDADE, M.; OLIVEIRA, L. *As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.
- PADRE PAULO RICARDO. Discurso do Papa Bento XVI à Cúria Romana na apresentação de votos natalícios. Disponível em: <<https://padrepauloricardo.org/blog/discurso-do-papa-bento-xvi-a-curia-romana-na-apresentacao-de-votos-natalicios>>. Acesso: 14/08/2015.
- PELBART, P. P. . *Vida nua, vida besta, uma vida*. Disponível em: <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2792,1.shl>>. Acesso: 16/08/2015.
- PIERUCCI, A. F. *Ciladas da diferença*. São Paulo: USP; Editora 34, 1990.
- RODRIGUES, A.; FIM, M. M. dos. S.; ROSEIRO, S. Z. Além do palco e dos holofotes: Édipo, a maior de todas as bichas. *Revista de Audiovisual Sala 206*, n. 4, 2015.
- FOLHA UNIVERSAL. Conheça o novo projeto “Gladiadores do Altar”: Força Jovem Universal desenvolve trabalho com jovens que desejam servir a Deus. Disponível em: <<http://www.universal.org/noticia/2015/03/08/conheca-o-novo-projeto-gladiadores-do-altar-32332.html>>. Acesso: 18/05/2016.